

## “Papelzinho”

Prof. Dr. Afonso Carlos Neves

Quando resolvemos escrever algum texto a respeito de meio ambiente, na maior parte das vezes discutimos assuntos embasados em aspectos biológicos, ou éticos, ou filosóficos. Abordar aspectos triviais poderia parecer desnecessário, diante de tantos fatos gravíssimos pelo mundo afora envolvendo essa temática. No entanto, relegar o “óbvio” a um segundo plano pode ser uma das formas de deixarmos questões extremamente básicas de lado, enquanto elaboramos conceituações profundas, mas eventualmente distantes da realidade vigente.

Dito isso, quero falar do trivial “papelzinho” no chão do nosso país. O papelzinho que é descartado à toa por alguém que caminha na rua e abre uma bala. O papelzinho tão pouco visível que é jogado pela janela de automóvel, ou de outros veículos. O papelzinho atirado de prédios, casas, obras, sejam residenciais, ou comerciais. Sempre um objeto desprezível, que parece de nenhum impacto sobre o imenso meio ambiente. Talvez assim o fosse há mais de cinquenta ou cem anos atrás, quando havia bem menos gente no mundo, de modo que a natureza absorveria esses e outros papéis, ou até mesmo outros objetos.

Ocorre que o ser humano automatiza comportamentos que, assim, tornam-se hábitos. O hábito automático do descarte de objetos inúteis tinha um significado décadas atrás e tem outro agora. A mesma mão que arremessa um objeto diminuto no meio ambiente, lança também objetos maiores pelo mesmo mecanismo automático. Assim, pelas mesmas janelas de automóveis através das quais vemos o arremesso de aparentemente inocentes resíduos diminutos, diariamente vemos o lançamento de sacos de plástico contendo algum tipo de “lixo”; esses veículos reduzem a velocidade ao se aproximarem de áreas com mato e atiram ai esse produto. Outras vezes esses resíduos são jogados em amontoados de entulho, restos de obra, lixo, etc. De forma similar, observamos latas de alumínio que “voam” de ônibus ou caminhões. Garrafas plásticas de “PET” que acabam ganhando cursos de água e chegam aos rios. Desse modo, objetos os mais diversos, de

todos os tamanhos, acumulam-se como enormes obstáculos no caminho de bueiros e trajetos de drenagens, levando a inundações.

Achamos que grande parte desse comportamento começa no papelzinho. Ao tocarmos em um assunto desse tipo sabemos que logo ouviremos os descrentes de tudo que também reagiram assim antes da obrigatoriedade do cinto de segurança, da lei antitabaco e de outras coisas similares. Pode ser que seja necessária uma lei como a que há nos Estados Unidos de multa de mil dólares por jogar lixo de veículos. No entanto, sempre, antes de serem propostas essas leis, há movimentos de cidadania em torno dessas questões.

Assim, insistimos na “desconstrução” do hábito do papelzinho. Os automóveis já têm, habitualmente, o seu saco de lixo em geral pendurado no câmbio ou em estrutura similar. O papelzinho e outros lixos poderiam ir para esse saco. Em outras situações, a embalagem de bala deve ser colocada no bolso, na bolsa, etc.

Os cidadãos devem criar um processo cultural que iniba esses hábitos como sendo prejudiciais à cidade, ao ambiente, à saúde ao presente, ao futuro, à ética e à estética do próprio indivíduo.